

## Modernismo adaptado: o projeto para a sede da Terrafoto, 1979.

*Adapted modernism: the design of Terrafoto headquarters, 1979.*

*Modernismo adaptado: el proyecto para la sede de Terrafoto, 1979.*

JANUÁRIO, Isabella Caroline

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá, isajanu.arq@gmail.com

REGO, Renato Leão

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá, rrego@uem.br

### RESUMO (100 a 250 palavras)

Em 1979 o escritório curitibano de Joel Ramalho Júnior, Leonardo Tossiaki Oba e Guilherme Zamoner Neto recebeu o prêmio de primeiro lugar no concurso nacional para o projeto da sede da Terrafoto S.A., na cidade de Embu (SP). Dentre os cinco projetos premiados do escritório em competições de arquitetura ao longo da década de 1970, o projeto para a Terrafoto chama a atenção por estar alinhado aos pressupostos formais da arquitetura moderna brasileira dos anos 1950-1970, mas também por apresentar uma resposta projetual destoante desse quadro hegemônico. Nesse sentido, este trabalho busca apontar as referências que embasaram este projeto e contextualizá-las. Com base na análise formal do projeto e apoiado na revisão de literatura, o texto se vale da argumentação lógica para evidenciar que a conformação da proposta vencedora para a sede da Terrafoto promoveu a adaptação das pautas modernistas.

**PALAVRAS CHAVES:** arquitetura moderna; arquitetura de concurso; circulação de ideias; Curitiba.

### ABSTRACT (100 to 250 words)

In 1979, the Curitiba-based architectural studio formed by Joel Ramalho Junior, Leonardo Tossiaki Oba and Guilherme Zamoner Neto won the first prize in the national contest for the design of Terrafoto S.A. headquarters, in Embu (SP). Among five other designs awarded in different national competitions in the 1970s, Terrafoto headquarters draws attention for being aligned with contemporary formal assumptions of Brazilian modernist architecture, but also for diverge from that hegemonic scenario. Thus, this paper points out the references on which the design was based and contextualizes them. Based on formal analysis and backed by literature review, the paper relies on logical argumentation to reveal that the conformation of Terrafoto headquarters winning proposal promoted the adaptation of modernist patterns.

**KEY WORDS:** modernist architecture; design competition; architecture diffusion; Curitiba.

### RESUMEN (100 a 250 palabras)

En 1979 el estudio curitibano de Joel Ramalho Júnior, Leonardo Tossiaki Oba y Guilherme Zamoner Neto recibió el premio de primer lugar en el concurso nacional para el proyecto de la sede de Terrafoto S.A., en la ciudad de Embu (SP). Entre los cinco proyectos del estudio premiados en competiciones de arquitectura a lo largo de la década de 1970, el proyecto para Terrafoto llama la atención por estar en línea con los presupuestos formales de la arquitectura moderna brasileña de los años 1950-1970, pero también por presentar una respuesta proyectual disonante de ese cuadro hegemónico. En ese sentido, este trabajo busca indicar las referencias de este proyecto y contextualizarlas. Por medio del análisis formal del proyecto y apoyado en la revisión de literatura, el texto se vale de la argumentación lógica para evidenciar que la conformación de la propuesta ganadora para la sede de Terrafoto promovió la adaptación de arquitectura modernista.

**PALABRAS CLAVE:** arquitectura moderna; arquitectura de concurso; circulación de ideas; Curitiba.

## 1. INTRODUÇÃO

Joel Ramalho Júnior, Leonardo Tossiaki Oba e Guilherme Zamoner Neto – jovens arquitetos atuantes em Curitiba – venceram em 1979 o concurso de anteprojetos para o edifício-sede da Terrafoto, empresa paulista de levantamentos aerofotogramétricos. O concurso tinha por finalidade a criação de um espaço para as atividades administrativas, industriais e socioculturais da empresa, incluindo alojamentos, auditório e refeitório, uma vez que o terreno cedido para a sua implantação se encontrava isolado do contexto urbano.

Quando venceu este concurso em janeiro de 1979, o escritório Ramalho, Oba e Zamoner já havia conquistado outros quatro primeiros prêmios. O primeiro foi em 1973 para o projeto do edifício do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em Brasília, em parceria com os escritórios de Alfred Willer, José Hermeto Palma Sanchotene e Oscar Muller, e aquele formado pelos arquitetos Ariel Stelle e Rubens Sanchotene. O segundo foi em 1975, com o projeto da Praça dos Migrantes em Cascavel; o terceiro foi o Anexo para a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná em Curitiba de 1976; e, por fim, o projeto de 1977 para o Centro de Convenções do Estado de Pernambuco, no Recife, antes do concurso para a Terrafoto.

Esse concurso de 1979 destacou uma geração de arquitetos atuantes em Curitiba com bons resultados em competições nacionais (cf. PACHECO, 2004 e 2010) pois, dentre os cinco finalistas, três eram equipes 'curitibanas', com integrantes formados no único curso de arquitetura e urbanismo da cidade – pertencente à Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esta geração de arquitetos foi composta por profissionais migrantes (cf. SEGAWA, 1997) que chegaram a Curitiba nas décadas de 1950 e 1960 e passaram a associar-se aos egressos da UFPR.

Esse é o caso da parceria entre Ramalho, Oba e Zamoner. Ramalho, formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Mackenzie em São Paulo (1959), teve um período de experiência ao lado de arquitetos paulistas nos anos 1960, particularmente Eduardo Kneese de Mello, e, ao chegar em Curitiba em 1967, trabalhou no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) com Luiz Forte, estendendo esta parceria para alguns projetos e concursos. Além disso, atuou como professor no curso da arquitetura, onde conheceu seus futuros sócios - Oba e Zamoner. Oba, londrinense, ingressou no curso da UFPR em 1968 e ao longo da sua graduação atuou como colaborador em concursos públicos nacionais, como nos concursos para o Estádio de Futebol do Paraná (Pinheirão) e para o Pavilhão Brasileiro na Exposição em Osaka (ambos em 1969), sempre na equipe dos experientes arquitetos Alfred Willer, José Hermeto Palma Sanchotene e Oscar Muller. Em



1970 participou do concurso para o Banco do Brasil de Caxias do Sul com o escritório Forte e Gandolfi e Joel Ramalho Júnior, Vicente de Castro e Roberto Gandolfi. Zamoner, por sua vez, formou-se em 1974 e, ainda estudante, colaborou no concurso para o BNDES com a equipe curitibana vencedora; ao se formar, passou a integrar o escritório de Ramalho e Oba.

Considerando a trajetória destes arquitetos e sua aproximação em Curitiba em torno de um jovem curso de arquitetura, cabe perguntar: quais as características da sua premiada arquitetura? É sabido que, fazendo repercutir os ensinamentos da arquitetura modernista – fruto da bagagem projetual, da formação acadêmica e de suas experiências profissionais-, Ramalho, Oba e Zamoner souberam inovar mantendo laços com sua herança intelectual (SEGAWA, 1986). Nesse sentido, ainda que o projeto não tenha sido construído, este trabalho busca identificar quais as referências presentes na proposta vencedora do concurso para a Sede da Empresa Terrafoto S.A., de 1979, e, considerando o ambiente receptível de Curitiba nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, pergunta como essas referências foram tratadas no processo projetual. Apoiado na revisão de literatura, este texto se vale da argumentação lógica e do estudo de caso para evidenciar que a conformação da arquitetura de Ramalho, Oba e Zamoner promoveu a adaptação das pautas modernistas da arquitetura brasileira.

## 2. A ARQUITETURA PREMIADA

O edital do concurso para a sede da Terrafoto apresentou um programa de necessidades que englobava três partes distintas da empresa: o setor administrativo, o setor industrial e o setor sociocultural. Além disso, solicitava respeito às peculiaridades do sítio e um sistema construtivo que possibilitasse a expansão (PACHECO, 2010, p. 398). Como resposta, os arquitetos chamaram a atenção no memorial descritivo para a “priorização do passeio através da circulação horizontal, não como um ônus, mas como um privilégio”; para “a procura em resolver a eterna dicotomia da necessidade de tomar posse/utilizar e a urgência em preservar/respeitar”; e para o “esquema estrutural que possibilitasse ampliações futuras e de construção em etapas” (REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 20).

Ramalho, Oba e Zamoner exploraram duas tipologias distintas para acomodar o projeto no terreno. A primeira, de forte lastro racionalista, abriga o setor administrativo e industrial em módulos quadrados com vãos de 10,00 m de lado, afastados 2,50 m um dos outros, e estruturados por quatro pilares e laje protendida – uma solução que permitiria a independência estrutural conveniente à construção em etapas, bem como a acomodação desses módulos na declividade do terreno, a partir do uso dos



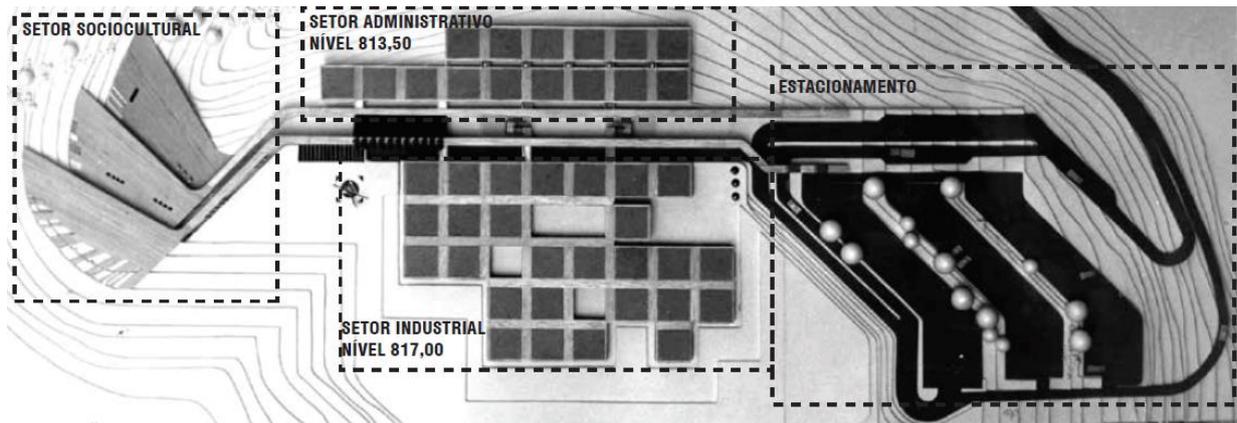
# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



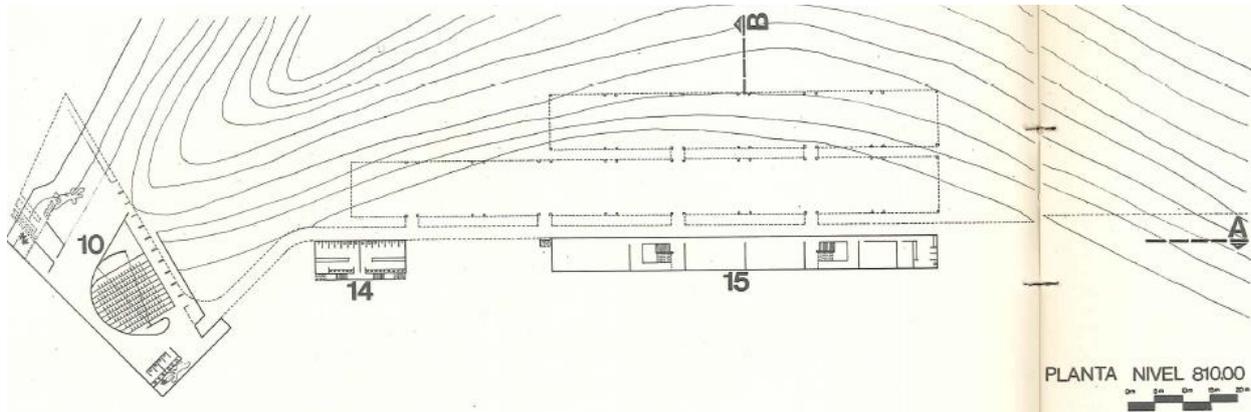
pilotis para adaptar a malha estrutural à topografia. A segunda, destinada a abrigar o setor sociocultural, abandonou a abstração racionalista e explorou a forma orgânica e individualizada que decorre da condição topográfica, aproximando-se das estratégias projetuais de versatilidade empírica de Alvar Aalto (ARGAN, 1992. Figuras 1, 2, 3 e 4).

Figura 1: Setorização do projeto.



Fonte: Pacheco, 2010, p. 398, modificado pela autora.

Figura 2: Planta do nível +810,00.



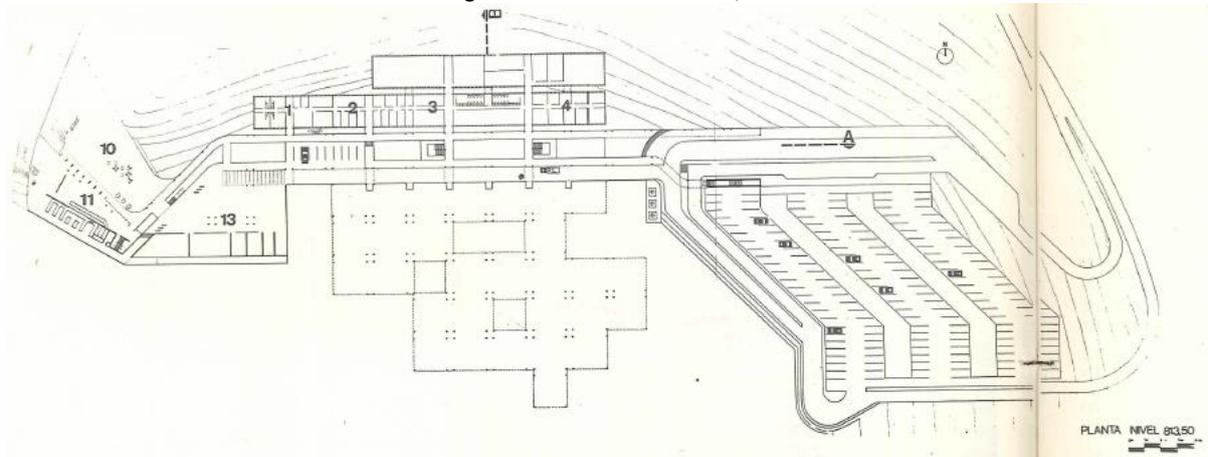
Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 22.



**PROJETER**  
GRUPO DE PESQUISA EM  
PROJETO DE ARQUITETURA  
E PERCEPÇÃO DO  
AMBIENTE

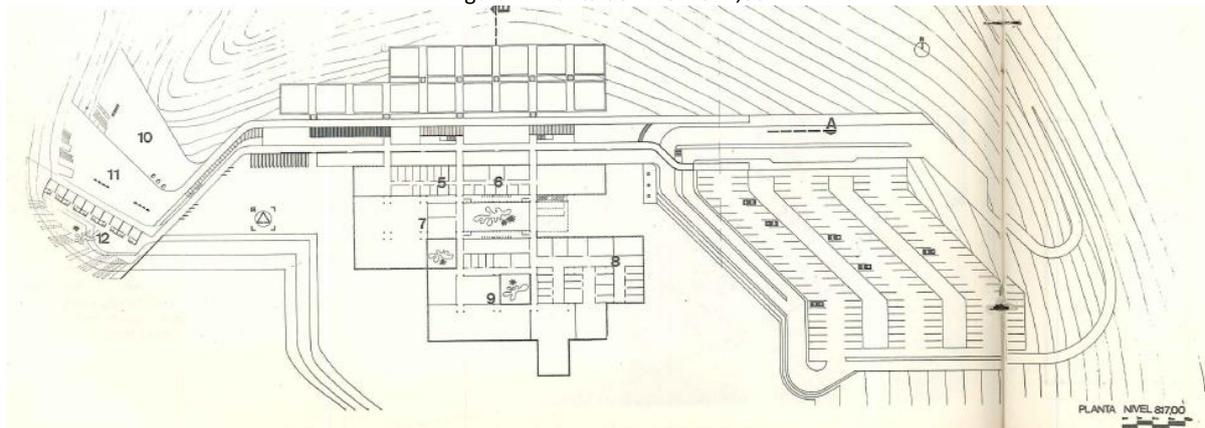


Figura 3: Planta do nível +813,50.



Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 22.

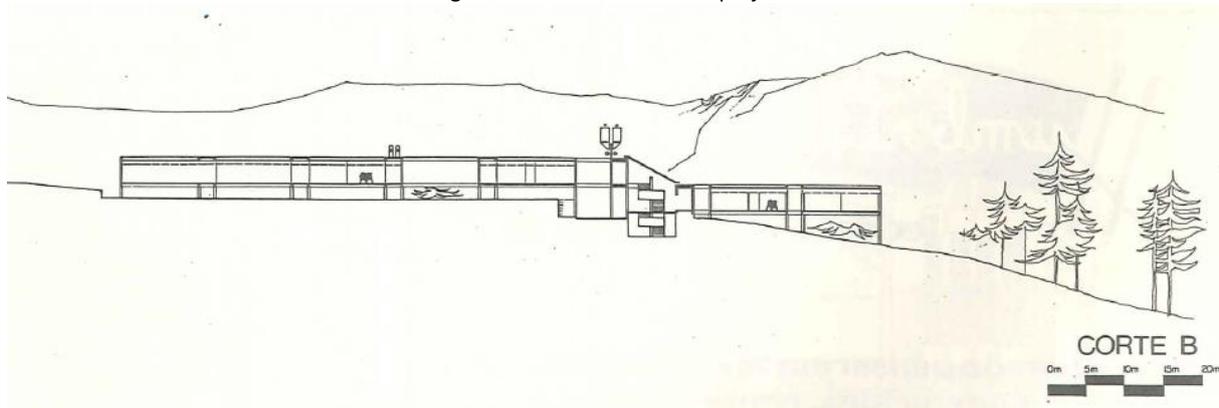
Figura 4: Planta do nível +817,00



Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 22.

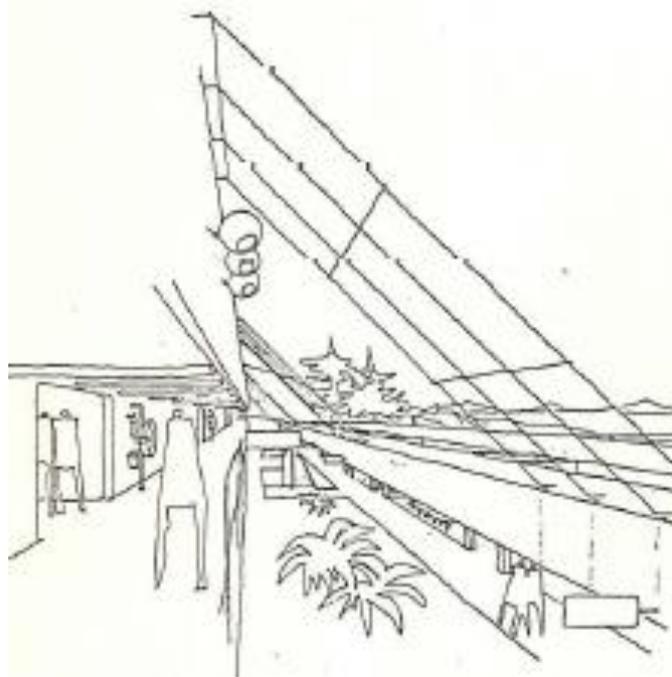
Para unir estas duas tipologias, o trio propôs um eixo de circulação leste/oeste – chamado pelos arquitetos de espinha dorsal do projeto – que encaminha os funcionários do estacionamento até o outro extremo, onde localiza-se o setor social, e reforça a horizontalidade ‘pavilionar’ característica da arquitetura paulista. A fim de tornar mais atrativo o passeio por dentro do prédio, os arquitetos optaram por deslocar o setor administrativo um nível abaixo do setor industrial, e assim conquistaram aberturas para visualizar a paisagem ao longo dessa circulação, o que possibilitou – além do ganho de luz natural – manter o usuário do edifício em contato visual com território ocupado (figuras 5 e 6).

Figura 5 Corte transversal do projeto.



Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 23.

Figura 6: Espinha dorsal do projeto: nível + 817,00.

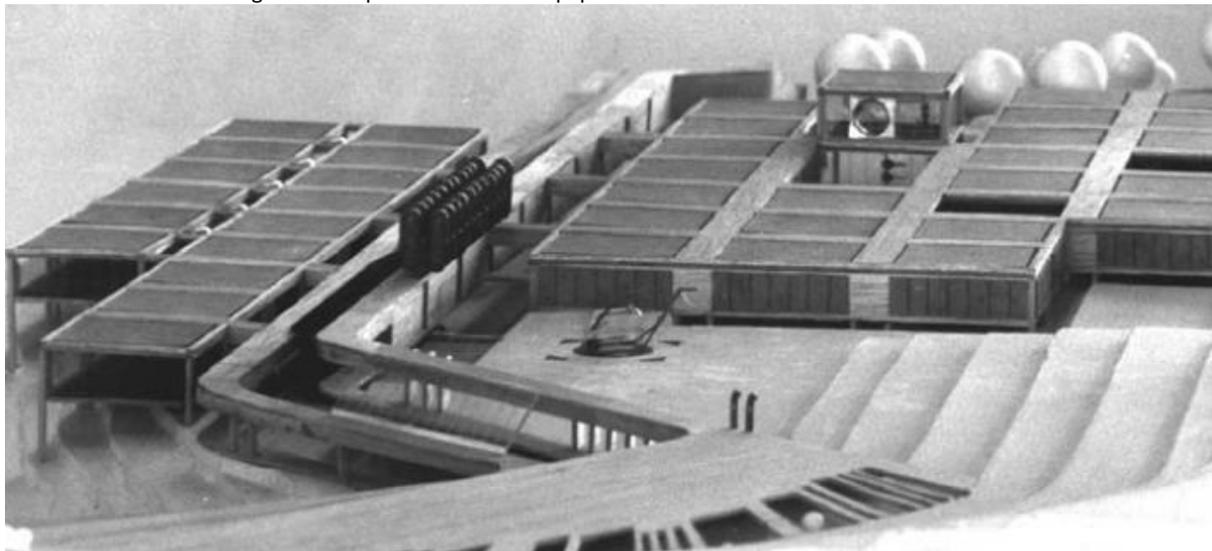


Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 20.

No memorial descritivo do projeto, Ramalho, Oba e Zamoner também enfatizaram a preocupação com a conservação racional de energia, fazendo ressoar propostas de economia energética em função da crise do petróleo dos anos 1970. Assim sugeriram o pré-aquecimento solar para o sistema de água quente, um sistema de automatização que controlaria a temperatura do ambiente por variação do volume de ar, e o uso do equipamento *fan-coil* por setor – alimentado por uma central de água quente e gelada. Todos esses dispositivos podem ser observados na cobertura da circulação principal do projeto, e no volume da caixa d'água no setor industrial (figura 7). Esses equipamentos

foram utilizados pelos arquitetos já prevendo o grande sistema que esse edifício conformaria no território, e a quantidade de energia que ele poderia consumir. Com isso, continuavam pioneiros em soluções para a redução do custo operacional no uso de energia, como haviam feito anteriormente nas propostas para o Anexo da Assembleia Legislativa em Curitiba (1976) e para a Sede da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em São Paulo (1978).

Figura 7: A espinha dorsal e os equipamentos de condicionamento climático.



Fonte: REVISTA PROJETO, nº 17, dez. 1979, p. 19.

Na ata final do concurso, publicada posteriormente na Revista Projeto (dez, 1979, p. 24), o júri composto por arquitetos conhecedores das pautas pós-modernistas<sup>1</sup> chamou a atenção especialmente para a apropriação e integração das peculiaridades do sítio, a partir da sua implantação que respeita as condições impostas pelo lugar, como a topografia, vegetação e curso d'água; a postura cultural, vislumbrada na valorização da integração do homem no espaço vivencial com o trabalho e o lazer; o nível de criatividade que diz respeito aos aspectos semânticos visando à clareza de informações na apropriação da proposta em seus aspectos formais; a organização espacial do projeto na inter-relação dos conjuntos funcionais; a flexibilidade de usos e possibilidades de expansão; e a coerência na adoção de processos e métodos construtivos adequados à escala dos espaços.

A partir da proposta enviada ao concurso e dos pontos destacados pelo júri, percebem-se particularidades que destoam do quadro hegemônico da arquitetura brasileira então vigente, como: o cuidado com as questões de eficiência energética; a resposta projetual em módulos independentes,

apoiado nos métodos construtivos que possibilitassem a expansão do projeto; o rechaço à caixa monobloco de concreto; e a dualidade formal elogiada pelos jurados como resposta franca ao programa. A estratégia projetual então adotada não deixou de recorrer a preceitos da arquitetura modernista, que parecem ter sido revistos, reavaliados e adaptados em uma atitude compatível com a crítica pós-modernista já em vigor mundo afora. Nesse sentido, este trabalho destaca no projeto de Ramalho, Oba e Zamoner a origem das ideias que embasaram a proposta premiada em primeiro lugar para a Sede da Terrafoto e as contextualiza, e revela o seu desdobramento na arquitetura dos 'curitibanos'.

### 3. NOVOS REPERTÓRIOS

É certo que na década de 1970 os jovens arquitetos brasileiros apresentaram uma produção moderna mais híbrida (Bastos e Zein, 2010, p. 195) e, no caso dos arquitetos 'curitibanos', percebe-se que estavam imbuídos do 'espírito da época' e que não se restringiam à tendência brutalista, mesmo que nela encontrassem um dos seus caminhos preferenciais. Nota-se, tanto nas soluções urbanísticas desse grupo nas décadas de 1960 e 1970 quanto nos seus projetos encaminhados para as competições de arquitetura, aproximações com os *clusters*, os *mat-buildings* e as *megaestruturas* – sistemas arquitetônicos recorrentes na década de 1960 no cenário internacional que apresentaram respostas projetuais de revisão formal da arquitetura e do urbanismo modernista, priorizando a particularidade do lugar como no caso dos *clusters* e dos *mat-buildings*, e acrescentando pautas como a eficiência energética nas propostas de megaestruturas.

Por um lado, o Plano para Curitiba desenvolvido por Jorge Wilhelm em conjunto com o IPPUC na década de 1970 – liderado pelo então prefeito Jaime Lerner – configurou-se como um *cluster* em escala territorial (MONTANER, 2008, p. 98) que buscava articular o centro da cidade com a periferia, a partir do grande sistema de transporte público e possibilitando conexões também com os parques urbanos revitalizados e com os novos ícones arquitetônicos da cidade (DUDEQUE, 2010). Lerner havia trabalhado com a equipe inglesa formada por George Candilis, Alex Josic, Shadrach Woods que desenvolvera o projeto do Bairro de Toulouse-le-Mirail (1962-1977), em Paris, com uma combinação de *cluster* e *mat-building*, efetivando um contato direto com a vanguarda urbanística internacional (DUDEQUE, 2010, p.208).

Por outro lado, projetos desenvolvidos pelos arquitetos 'curitibanos' neste período adotaram como estratégia projetual uma organização sistêmica pouco usual na arquitetura brasileira, promovida por



meio de um esquema ordenador e flexível que auxilia a organizações dos edifícios, especialmente se estes forem demasiadamente amplos e complexos (PACHECO, 2010, p. 442). Essa estratégia de flexibilidade na organização dos edifícios é uma solução que aparece nos *mat-buildings*, que se caracterizam por sua adaptabilidade e capacidade de se estender e crescer por toda a área de projeto, a partir de esquemas modulares, criando espaços abertos e fechados. Para isso adota-se um caráter horizontal que se baseia no contato com o solo, evitando gestos excessivos e fugindo da artificialidade, favorecendo a ventilação natural e a criação de espaços sociais (MONTANER, 2008, p. 98) – tal qual proposto por Ramalho, Oba e Zamoner para a sede da Terrafoto em 1979.

Assim, ideias sobre uma intervenção que considerasse a realidade do lugar e esquemas passíveis de crescimento estavam circulando no cenário curitibano. No caso do projeto de 1979 para a Terrafoto, os projetistas também se valeram desse pensamento na proposta para o setor industrial e administrativo quando partiram da racionalidade dos espaços com o uso de uma estrutura independente e modular, que facilitaria a construção em etapas e até mesmo a sua ampliação; bem como no uso dos pilotis para adaptar tal malha sistêmica à topografia – como fez Le Corbusier em 1965 na sua proposta para o Hospital de Veneza como solução para intervir no traçado histórico e ao mesmo tempo preservá-lo.

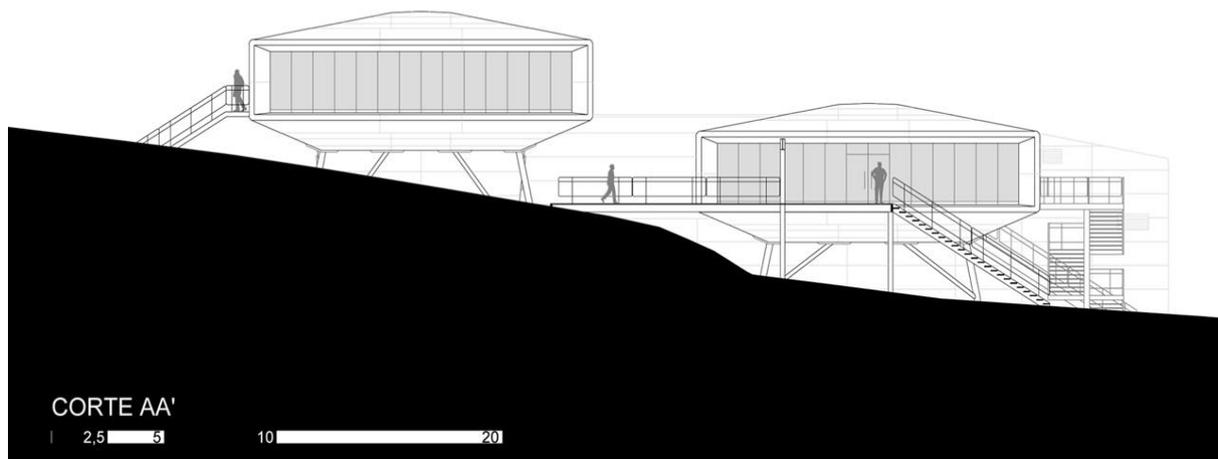
Em contrapartida, o método utilizado pelos arquitetos para a criação do setor sociocultural partiu da topografia do terreno, e a empregou na concepção formal e na concepção espacial interna para a distribuição do programa, aproveitando o desnível para separar restaurante, alojamento e auditório. Desse modo, o trio revelou a intenção de tomar posse do contexto a partir do projeto.

Com isso, a dicotomia entre tomar posse/utilizar e preservar/respeitar – sinalizada por Ramalho, Oba e Zamoner no memorial descritivo – é perceptível nas duas diferentes estratégias de intervenção: uma, que é independente do meio para a sua concepção formal, pois é capaz de se adaptar a ele por meio da estrutura, e ainda assim preservá-la, e a outra, que parte do meio para existir, portanto, se utiliza dele. Ao notar essa contradição formal, onde não existe necessariamente uma hierarquia ao associar esses dois traçados, recai-se à crítica pós-moderna de Robert Venturi em seu texto publicado em 1966, que afirmava que as complexidades e contradições enriquecem a arquitetura, não sendo mais necessário excluir uma ideia em detrimento de outra. E nesse sentido, mais uma vez, os curitibanos se mostraram atualizados e receptíveis com novos repertórios, ainda que respeitassem e utilizassem das pautas da arquitetura moderna.



Como desdobramento dessa ideia e da confiança nessa estratégia de intervenção, nota-se a combinação da importância do lugar, da posição realística da arquitetura e dos esquemas modulares nas propostas apresentadas pela equipe de Leonardo Oba em concursos da década de 1980, como no segundo lugar para o Sesc de Nova Iguaçu, desenvolvido em parceria com Raquel Oba em 1985, e no Paço Municipal de Votorantim, vencido com Guilherme Zamoner em 1987. Na arquitetura contemporânea curitibana, o escritório Estúdio 41<sup>ii</sup> também recorreu a essa estratégia na proposta vencedora do concurso de 2013 para a Estação brasileira na Antártica. Nesse projeto, percebe-se que a equipe seguiu a lógica do Terrafoto ao deslocar um dos pavilhões um nível abaixo – acompanhando as condições estabelecidas pela paisagem e proporcionando que ambos tivessem em suas aberturas em contato com o território (figura 8).

Figura 8: Corte AA do projeto para a Estação brasileira na Antártica.



Fonte: Estudio41: [www.escritorio41.com.br](http://www.escritorio41.com.br)

Esse sistema arquitetônico de ocupação do território e configuração do edifício, pode ser interpretado como uma resposta à crise do objeto isolado modernista, com a dissolução do fato arquitetônico no fato urbanístico ou paisagístico. Além disso, com o *boom tecnológico* da década de 1970, os arquitetos curitibanos, motivados em ganhar os concursos da época, não puseram limite à invenção formal.

#### 4. CONCLUSÃO

As características projetuais da arquitetura premiada da sede da Terrafoto revelam que seus projetistas se valeram de lições da arquitetura modernista relativas à racionalidade da estrutura e à solução pavilhonar vistas na arquitetura paulista, mas as adaptaram. A particularidade do projeto de Ramalho, Oba e Zamoner está na inovação formal, percebida tanto na dissolução do monobloco a partir da malha sistêmica que se adapta na topografia e permite seu crescimento, quanto na liberdade plástica do setor social que independe da racionalidade modular do setor administrativo e industrial e se explica unicamente pela leitura e assimilação das condições do lugar – ou seja, uma concepção que particulariza a solução formal ao invés de generalizá-la. Além disso, a justaposição de duas abordagens dicotômicas – racionalidade construtiva e modulação e singularidade plástica e formal – revela, em termos contemporâneos, uma complexidade pouco vista na prática projetual modernista, eminentemente simplificadora, e que foi elogiada pelo júri como criativa e congruente com suas funções. Portanto, sem recusar explicitamente seus vínculos com a arquitetura modernista, o trio atualizou o repertório arquitetônico entendendo as condições locais, atentando para questões de conforto ambiental, de conservação de energia e de preservação, e, sobretudo, enriquecendo criativamente a proposta ao conceber o edifício como um sistema e ao somar as duas diferentes estratégias de intervenção – ideias que aparentemente pareciam contraditórias na primeira metade do século XX, se somaram para e conformar essa premiada arquitetura. Essas estratégias de projeto mostram que o trio não teve uma postura dogmática frente a um discurso teórico único, abrindo espaço para adaptações à conhecida arquitetura modernista.

#### 5 REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. C. Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos modernos contemporâneos. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BASTOS, M. A. J; ZEIN, R. V. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DUDEQUE, I. T. Nenhum dia sem nenhuma linha: uma história do urbanismo em Curitiba. São Paulo: Studio Nobel, 2010.
- MONTANER, J. M. Sistemas arquitetônicos contemporâneos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.
- PACHECO, P. C. B. A Arquitetura do Grupo Paraná. Tese de Doutorado. Curitiba: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, 2010.
- PACHECO, P. C. B. O Risco do Paraná e os Concursos Nacionais de Arquitetura 1962-1981. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Curitiba: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, 2004.

# ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



REVISTA PROJETO. O projeto vencedor do concurso nacional para a sede da Terrafoto. nº 17, p. 19-24, dez. 1979.

SEGAWA, H. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo: Edusp, 1997.

SEGAWA, H. Outro programa de passeio, agora em Curitiba. *In*: Revista Projeto, nº 89, p. 30-31, jul. 1986

VENTURI, R. Complexidade e contradição em arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZEIN, R. V. A arquitetura da escola paulista brutalista 1953-1973. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul, 2005.

## 6 NOTAS

i Trata-se dos arquitetos Pasqualino Magnavita, representante do Instituto dos Arquitetos do Brasil, doutor pela Universidade de Roma em 1964; e o arquiteto Telésforo Cristófani, ítalo-brasileiro formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (São Paulo) em 1952.

ii O escritório Estúdio 41 de Curitiba, é formado por todos arquitetos e urbanistas formados na UFPR: Eron Costin, Fabio Henrique Faria, João Gabriel Rosa, Martin Kaufer Goic, e Emerson Vidigal – sócio fundador do escritório e próximo à família Oba.

